

## DESIGNAÇÃO EM *FALCÃO – MENINOS DO TRÁFICO*: MODOS DE SIGNIFICAR<sup>1</sup>

### DESIGNATION IN *FALCÃO – MENINOS DO TRÁFICO*: MODES OF SIGNIFYING

Greciely Cristina da Costa

**RESUMO:** O funcionamento da designação e um dos seus efeitos produzidos – que chamamos de efeito de dicionarização – são investigados, neste trabalho, a partir de um modo de compreender discursivo. Debruçamo-nos sobre o documentário *FALCÃO – MENINOS DO TRÁFICO* a fim de compreendermos como são focalizados no vídeo aqueles, que, pela lei (eca), não podem/não devem mostrar o rosto, mas mostram todo o resto do corpo, se mostram nas/pelas linguagens. E é esse se mostrar nas/pelas linguagens que mais nos inquieta e que se pode explicitar discursivamente através de modos de significar. Observamos que o gesto de designar explicita mais de uma posição-sujeito: uma de dentro e uma de fora do tráfico de drogas, enquanto o efeito de dicionarização ao mesmo tempo em que ressignifica alguns sentidos estabilizados em dicionários de língua portuguesa, estabiliza outros. Com efeito, há um jogo de desestabilização/estabilização de significados e de posições discursivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso, Linguagens, Designação, Modos de Significar.

**ABSTRACT:** The functioning of the designation and one of its produced effects – called ‘dicionarização’ effect - are investigated, in this paper, through a discursive mode of understanding. We addressed the documentary *Falcão – Meninos do Tráfico* in order to understand how are focused, on the video, the ones who according to law (ECA) cannot / should not show his face, but show the whole body, are shown in / through languages. And this being shown in/through languages is what worries us the most and that can be made explicit discursively through modes of signifying. We noticed that the gesture of designating explicits more than one subject-position: one inside and one outside of drug traffic, while the ‘dicionarização’ effect at the same time that ressignifies some stabilized senses in Portuguese dictionaries, stabilizes others. Indeed, there is a game of destabilization / stabilization of meanings and discursive positions.

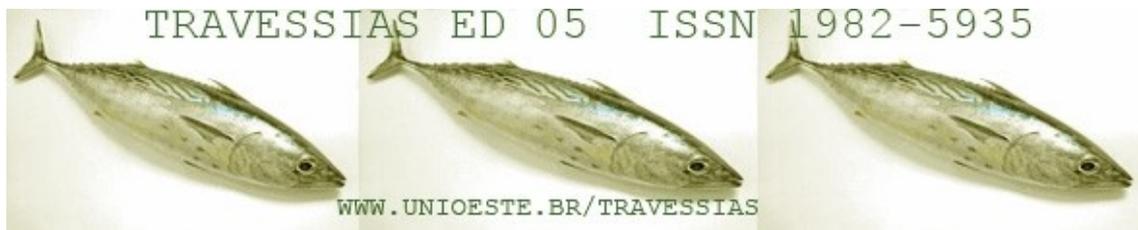
**KEY WORDS:** Discourse Analysis, Language, Designation, Modes of Signifying.

## 1.

## INTRODUÇÃO

<sup>1</sup>

(Doutoranda em Lingüística – IEL/UNICAMP) [greciely@gmail.com](mailto:greciely@gmail.com) Este trabalho é parte da pesquisa desenvolvida durante o mestrado no Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, cuja dissertação tem como título: *Linguagens e Funcionamento: Sujeito e Criminalidade* (2008).



### Há Produção de Conhecimento no Documentário *Falcão – Meninos do Tráfico*?

Em 2006, foi lançado o documentário, cujo título desloca e, ou resignifica o sentido da palavra **falcão** já estabilizado pelo/no dicionário. O nome do pássaro passa a designar, a significar os meninos ligados ao tráfico. O que produz esse movimento de sentido?

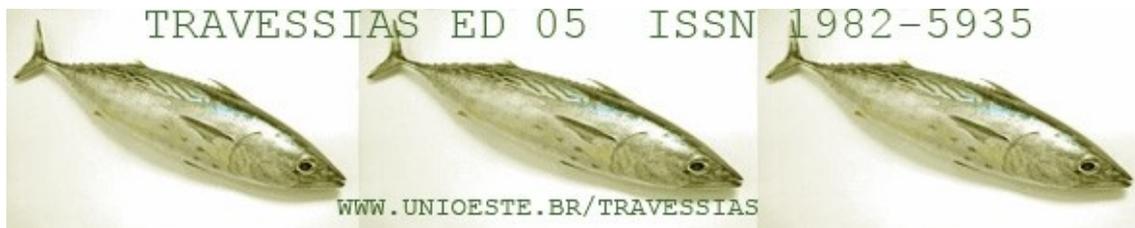
*Falcão – Meninos do Tráfico* relata a vida de menores de idade traficantes de drogas de algumas favelas do Brasil. A partir da exibição do vídeo, no programa *Fantástico*, da Rede Globo, muitos segmentos sociais se manifestaram, dentre eles, jornais e revistas. A revista *Época*, por exemplo, consagra a produção por seu caráter revelador: “a existência de dois Brasis” (BRUM & LIMA, 2006). Lya Luft (2006), na revista *Veja*, questiona o que fazer em relação à situação das crianças do tráfico – “uma ferida aberta”. A autora pergunta “Fazer o quê? Devolver-lhes o pai morto, entregar-lhes a mãe saudável e menos desesperada, com menos sepulturas de crianças mortas a visitar? [...] A ferida aberta pelo documentário e pela realidade talvez continue incomodando. Contra ela só há dois remédios: agir, ou alienar-se mais” (LUFT, *idem*: p.22).

Toda a discussão propagada pela mídia nos interessa para pensarmos em nossa análise, a partir do discurso e de uma leitura materialista, como são focalizados no documentário aqueles, que, pela lei (ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente), não podem/não devem mostrar o rosto, mas mostram todo o resto do corpo, **se mostram nas/pelas linguagens**. E é esse **se mostrar nas/pelas linguagens** que mais nos inquieta, porque entendemos a linguagem como lugar de debate, de conflito (ORLANDI, 1988). Em nossa reflexão, essa inquietação provoca uma questão: será que esse gesto, a partir da linguagem, produz, explicita conhecimento? Com essa pergunta não pretendemos discutir o que é conhecimento, mas, pautados em Canguilhem (1976), buscamos observar/compreender o sentido definido como *relação a*. Neste caso, sentidos constituídos a partir da relação linguagem/conhecimento/produção/divulgação em *Falcão – Meninos do Tráfico*.

### Outro Espaço, Outro Conhecimento?

A temática do documentário certamente é desestabilizante. Porém, chamamos a atenção, sobretudo, para a desestabilização do social e do sujeito atravessada pela desestabilização da língua. Ou seria o inverso?

Mobilizamos no processo discursivo três momentos na produção da significação, a saber: a formulação, a constituição e a circulação (ORLANDI, 2001). A formulação consiste na



seqüência discursiva em condições de produção e circunstâncias específicas. Também é chamada de intradiscurso por Courtine (1982). Segundo este autor, a formulação corresponde a uma seqüência lingüística (de dimensão sintagmática inferior, igual, ou superior a uma frase) e mantém relação com a constituição, que por sua vez, ocupa e organiza o eixo interdiscursivo. Ela determina a linearização do que se formula. A constituição do discurso é marcada pela intervenção do contexto histórico-ideológico mais amplo na memória do dizer. E o discurso circula em certas conjunturas e de acordo com certas condições. Os meios por onde circulam os discursos são ideologicamente constituídos, isto é, não são neutros. Portanto, o documentário e sua divulgação não são neutros.

Em termos de formulação, o vídeo é marcado pela presença da legenda. A noção de legenda está ligada a de tradução? Por que “traduzir” se o filme é brasileiro, se a língua é a do Brasil? Um dos efeitos da divulgação? Outro ponto que nos faz refletir ainda no eixo da formulação da legenda é o aparecimento de termos, como “*os home*” entre aspas bem como *Tipo nós não “é” nada* e de palavras entre parênteses acompanhando outras, como *fortalece (ajuda)* e *à vera (de verdade)* no enunciado –*Dá dinheiro, fortalece (ajuda) à vera (de verdade) aí*. Que efeito-leitor<sup>2</sup> é produzido a partir da formulação?

Parece estar pressuposto no discurso destas formulações um sujeito-leitor que não conhece o sentido das palavras, no caso das que aparecem entre parênteses, e por isso não entenderia o filme se não fosse usado este recurso. Não conhece por que está distante do espaço no qual circulam esse vocabulário, esses sentidos? E ainda, no caso da ênfase na construção sintática de sujeito no plural seguido de verbo no singular, emerge a partir desta marcação, o efeito de reforçar um imaginário de que é uma construção incorreta segundo as normas gramaticais, como se fosse um aviso ao sujeito que “lê” o documentário.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

### A Escrita Como Relação Social: Modos de Significar

<sup>2</sup> Não se pode falar do lugar do outro, no entanto, pelo mecanismo de antecipação, o sujeito-autor projeta-se imaginariamente no lugar em que o outro (o leitor-espectador) o espera, produzindo o que Orlandi (2001) chama de efeito-leitor, isto é, sentidos imaginariamente esperados pelo leitor.



Em busca de compreender o funcionamento discursivo – em especial, o modo de constituição de sentidos (e de sujeitos) – do documentário, partimos de uma base material, ou seja, de marcas lingüísticas no eixo da formulação para chegarmos às propriedades discursivas no eixo da constituição, além de considerar o espaço de significação, que Nunes (2001) enumera: meio de divulgação, universo do (espectador)-leitor e universo da produção. Situamo-nos, mais fortemente, na relação da divulgação com a produção.

Orlandi (2001: p.149) considera que pensar a divulgação “faz-nos tomar necessariamente em consideração as novas tecnologias de linguagem. Em outras palavras, nos faz pensar a presença do conhecimento na sociedade e seus modos de circulação através das tecnologias de linguagem postas à disposição”.

Foucault (1995) concebe a escrita como uma das primeiras e mais antigas tecnologias produzidas pelo sujeito para conhecer a si mesmo. A técnica da escritura é definida pelo autor como uma das características mais importantes para obedecer ao princípio délfico *gnothi sauton*, a saber, *conhece-te a ti mesmo* e do *epimelesthai sauton*, a saber, o “cuidado de si” (p. 50). Foucault relata que nos séculos I e II, escrever tratados ou cartas aos amigos fazia parte deste cuidado, implicava no que se refere ao exame de si. Escrever cartas aos amigos é considerado, então, a primeira “técnica estóica do eu”. Com essa tecnologia da escrita, desenvolveu-se, segundo Foucault, uma nova forma de experiência do eu, pautada numa relação entre a escrita e a vigilância da própria consciência. A partir da escrita o sujeito constrói um território de pertencimento. O autor ainda enumera outras técnicas. Porém vale-nos ressaltar que o autor divide a técnica da escrita em quatro tipos: 1) tecnologias da produção; 2) tecnologias de sistemas de signos; 3) tecnologias de poder e 4) tecnologias do eu. Elas não funcionam isoladamente, mantêm uma certa associação com tipos diferentes de dominação, imbricam-se o tempo todo umas às outras. Todavia propomos compreender o documentário como uma tecnologia de produção, que “nos permitem produzir, transformar o manipular coisas” (FOUCAULT, 1995: p. 48), a fim de problematizar a técnica da escritura do documentário em particular pensando-a como uma tecnologia de linguagem (forma de relação social) (ORLANDI, 2001).

Na perspectiva de Orlandi (*idem*), pensar a escrita como forma de relação social significa levar em conta

que a transformação da relação do homem com a linguagem, no caso, com a escrita, desencadeia um número enorme de outros processos de transformação: **a forma dos textos, a forma de autoria, o modo de significar**. E a própria relação com o conhecimento está aí investida (p.149) – grifos nossos.

O documentário é uma forma de texto, tem sua autoria e, a partir das materialidades que o constitui, explicita modos de significar as relações sociais. Ele materializa territórios de pertencimento?

Em Auroux (1992) percebemos um outro modo de falar de conhecimento, de tecnologia de linguagem a partir do conceito de gramatização da língua. Segundo o autor, por gramatização “deve-se entender o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário” (p. 65). Para Auroux (*idem*) o conhecimento estaria, de certa forma, “organizado” nessas duas tecnologias.

O que nos interessa, a partir desses posicionamentos, é analisar um funcionamento regular semelhante ao de verbetes de dicionário, que aparece em *Falcão*, tomando o espaço da favela como um espaço outro, de formulação/circulação/constituição de um outro conhecimento, que por sua vez, tem a ver com a escrita como forma de relação social e com a construção de um saber metalingüístico. Propomos explicitar no documentário a produção de um certo tipo de conhecimento, na qual algumas palavras são definidas, resignificadas, sentidos são construídos a partir de designações. Para tanto, nesta reflexão, partimos do recorte abaixo, questionando como funcionam e se relacionam as tecnologias da linguagem, neste espaço legendado. Elas produzem conhecimento, (des)conhecimento, (re)conhecimento?

(1) *Falcão é o jovem que vigia e toma conta da favela* – E1<sup>3</sup>

(2) *Falcão? Para mim significa aquele que tá no tráfico noturno. Não dorme, parece um passarinho que não dorme à noite* – E2

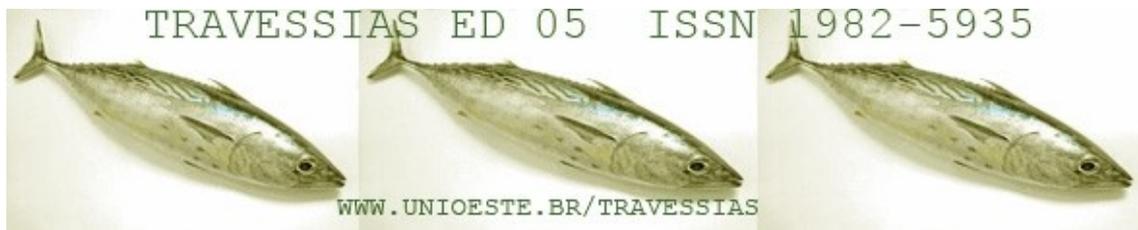
(3) *Vapor, geralmente são menores de idade que vendem a droga no varejo* – E1

(4) *Contenção também conhecido como fogueteiro é o jovem que avisa da chegada da polícia ou de possíveis inimigos também* – E1

(5) *X-9 é tipo um cara que vai na polícia e denuncia nós* – E2

---

<sup>3</sup> E corresponde a Enunciador.



(6) *Pó, carga é os “pó” da boca que movimenta a firma. Movimenta a firma, faz dinheiro pra firma – E2*

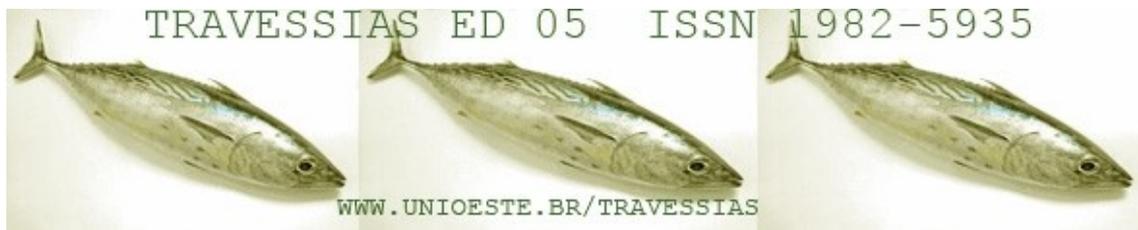
### **O Funcionamento Discursivo da Designação: Efeito de Dicionarização**

Filiamo-nos à Análise de Discurso, que não trabalha com marcas formais, ou melhor, parte delas para explicitar efeitos de sentidos provocados a partir da relação de tais marcas com as propriedades discursivas (língua, história, exterioridade). Para tanto, é necessário identificar indícios, pistas, vestígios deixados na materialidade discursiva do texto, marcados por traços ideologicamente interpretáveis. De acordo com Pêcheux (1969):

Isso supõe (...) que um discurso não apresenta, na sua materialidade textual, uma unidade orgânica em um só nível que se poderia colocar em evidência a partir do próprio discurso, mas que toda forma discursiva particular remete necessariamente à série de formas possíveis, e que essas remissões da superfície de cada discurso às superfícies possíveis que lhe são (em parte) justapostas na operação da análise, constituem justamente os sintomas pertinentes do processo de produção dominante que rege o discurso submetido à análise (p. 104,105).

Desta forma, reconhecemos na estrutura intradiscursiva (nível da formulação) marcas que textualizam o interdiscurso (nível da constituição). Segundo Orlandi (2001), o lingüístico e o histórico são indissociáveis no processo de produção do sujeito do discurso e dos sentidos que o significam. O que permite dizer que o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído, ele é uma posição entre outras.

Neste trabalho, especialmente, enfatizamos no fio do discurso (AUTHIER-REVUZ, 1982) a estrutura das definições que conduz às designações e juntas provocam – o que chamamos de – efeito de *dicionarização*. Durante todo o vídeo, os enunciadores definem palavras. Podemos dizer que a estrutura do documentário se estabelece na forma narrativizada das definições, isto é, a narração é marcada por um conjunto de definições como se fosse um dicionário. Entretanto, os sentidos localizados nos dicionários são deslocados a partir deste efeito de dicionarização, que,



por sua vez, explicita posições discursivas distintas no/do documentário. Imbricadas funcionam a definição e a designação na produção de posições-sujeito.

Seguindo Guimarães (1995), Zoppi-Fontana caracteriza o processo de designação como “relações semânticas instáveis, produzidas pelo cruzamento de diferentes posições de sujeito, a partir das quais se instala um sentido, apagando outros possíveis/dizíveis” (1999: p. 203). A fim de investigarmos o funcionamento discursivo da designação em *Falcão – Meninos do Tráfico* recuperamos alguns estudos que tratam deste processo.

Freda Indursky (1999) propõe analisar o processo de designação por que passa a luta pela posse de terra. Para a autora, entende-se por designação

a nomeação desse embate pela posse de terra, tal como ela é estruturada pelas formações ideológicas dos sujeitos sociais envolvidos, ou seja, a designação é fortemente determinada pelo imaginário dos sujeitos sociais envolvidos nesse conflito (p.175).

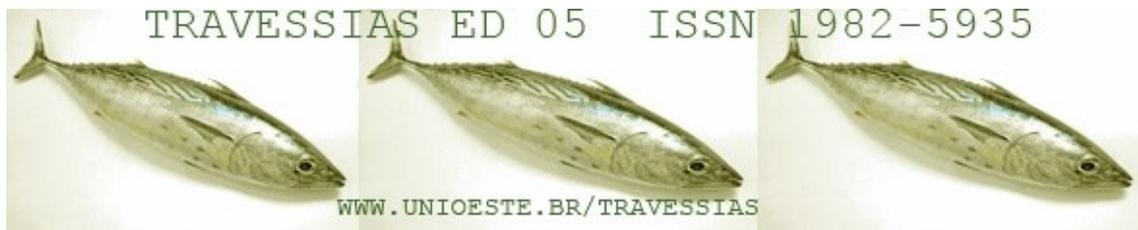
A mesma autora analisa recortes de matérias do jornal Folha de São Paulo no período de 1995-1996. Ela examina três diferentes designações que remetem à posse de terra: assentamento, ocupação e invasão. Indursky conclui que a imprensa se identifica com a terceira designação, ou melhor, com a terceira posição-sujeito.

De acordo com Indursky, a primeira sinaliza para uma posição-sujeito do governo, cumprimento da lei; a segunda remete a uma política do MST, que visa acelerar o processo da Reforma Agrária – desapropriação de terras. Segundo a autora, a palavra ocupação aparece entre aspas no discurso jornalístico, “forma de manter o discurso do outro à distância, ou seja, os repórteres, ao empregarem tal designação entre aspas deixam claro que essa não é sua posição-sujeito e que com ela não se identificam, pois apenas fazem menção ao discurso do outro, não o utilizam” (INDURSKY, *idem*: p.178). Por outro lado, a palavra invasão não aparece aspada, ou seja, o discurso dos fazendeiros é normalmente incorporado no jornalístico.

Para os sem-terra ocupação remete à terra improdutiva, que deve ser redistribuída. Há a indicação de processo pacífico. Por outro lado, para os fazendeiros, terra possuída, portanto, violada, dando a idéia de movimento violento e ilegal.

Indursky (*idem*) afirma que:

- a. as duas designações identificam duas posições-sujeito inscritas em Formações Discursivas antagônicas;
- b. as duas designações coexistem no discurso jornalístico sobre o MST;



c. o veículo jornalístico identifica-se com uma dessas posições” (p. 182).

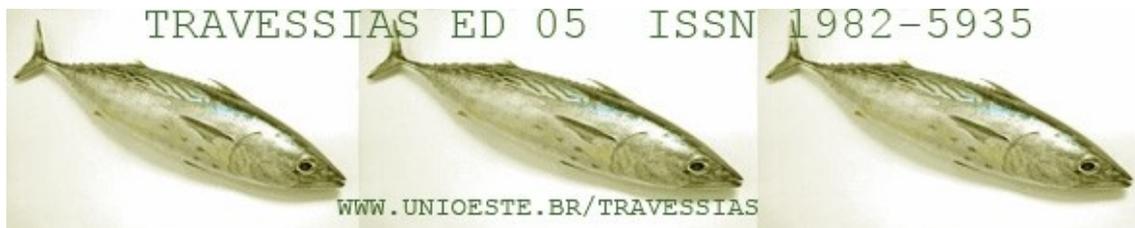
É através da presença (marca formal) do discurso indireto, empregado para ignorar a posição-sujeito dos sem-terra e deslizar à posição-sujeito dos fazendeiros, que essas posições são explicitadas discursivamente. Na análise da dispersão de designações utilizadas para referir ao local e à atividade dos camelôs, Zoppi-Fontana (1999) também observa as posições a partir das quais o sujeito enuncia a cidade.

Em outro estudo, Oliveira (2004: p.22) percebe a designação de um outro modo. A autora afirma que a designação “se constitui como o conjunto de determinações do nome numa dada enunciação”, descrições do mundo. Em seu trabalho, a autora toma como definição todos os predicados da palavra-entrada, considerando a definição como o conjunto de tudo o que se diz sobre a palavra entrada, ou seja, a designação, neste caso, aparece ligada à definição.

Com base em Marandín (1994), pode-se precisar a definição da seguinte maneira: “a expressão ou as expressões que introduzem o objeto da referência restringem sua interpretação. O ponto importante é que a restrição depende de um plano de organização da língua, isto é, de uma articulação regrada forma-sentido” (p. 131).

Em *Falcão – Meninos do Tráfico*, notamos – como já dissemos – o funcionamento da designação também está ligado ao da definição, bem próximo à lexicografia, cujas palavras são definidas. Para Henry (1992), a definição produz o efeito de pré-construído. Parece-nos que o conjunto de definições sustenta a idéia de existência de um fora e de um dentro do tráfico de drogas. Dois Brasis? Percebemos no funcionamento dele, uma tentativa de explicar tudo em relação à prática dos falcões atravessada por um discurso de fora. Com efeito, pré-construídos vão se instalando e convocando uma rede de significações, que podem ser estabilizadas na forma da designação, que segundo Gadet e Pêcheux (2004), estabiliza os pré-construídos. É, a partir do funcionamento desta última, que explicitamos duas posições discursivas no recorte proposto.

Nunes (2006) relaciona Análise de Discurso e História das Idéias Lingüísticas e observa o funcionamento do discurso lexicográfico nos relatos dos primeiros viajantes no Brasil em um conjunto de dicionários produzidos durante o período que vai do século XVI ao XIX. O autor trabalha com a prática da narrativa, da descrição e do diálogo, questionando a evidência dos sentidos dos dicionários a fim de mostrar seus processos históricos de constituição. Ele parte de questões tais como: como o dicionário produz um discurso? Como funcionam discursivamente os mecanismos lexicográficos: a definição, a exemplificação, as marcações, a etimologia, os



comentários enciclopédicos? De que modo o funcionamento lingüístico dos enunciados lexicográficos condiciona a produção de sentidos no discurso?

A língua tem uma materialidade (PÊCHEUX, 1975) que é condição de base para o funcionamento do discurso,

Decorre que, na análise de um verbete, questiona-se a transparência dos sentidos e procura-se compreender de que modo esse verbete tem a ver com a sociedade e com a história. Observa-se, assim, a dupla determinação que leva, de um lado, a ver no verbete um efeito de práticas sócio-históricas (Nunes, 2006: p.16).

A partir da afirmação anterior de Nunes, propomos pensar de que modo a designação e as posições discursivas explicitadas por elas têm a ver com práticas sócio-históricas e com a produção de conhecimento em *Falcão – Meninos do Tráfico*. O que consiste em explicitar um modo de significar.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### ***Falcão é ...: Processos de Designação na Construção de Conhecimento***

Em *Falcão – Meninos do tráfico* há a presença de dois tipos de enunciadores (E), um que fala do lugar de narrador (E1), apresenta o documentário; e outro – que chamamos de (E2) –, que são apresentados como moradores do morro. Este último conta e descreve sua experiência, dialoga com o primeiro.

Recortamos deste documentário enunciados dos dois enunciadores – conforme apresentamos anteriormente. Chamamos a atenção para uma regularidade que ocorre em ambos: a presença, no eixo da formulação, de uma estrutura com nome, predicado e relativa. Com efeito, aparece uma definição do tipo lexicográfica.

Retomando nosso recorte, vemos no caso de (1) *Falcão é o jovem que vigia e toma conta da favela*, que *Falcão* aparece como uma palavra que encabeça uma definição, ou seja, falcão é definido, predicado como *jovem*. Ao se definir falcão como jovem, podemos dizer que há uma categoria maior (jovem) que abarca outra menor (falcão). Há uma definição metalingüística. A relativa *que* introduz uma atividade em um lugar específico favela, ou melhor, o *que* introduz uma estrutura finalizada, ou seja, apresenta uma finalidade, como se dissesse o falcão **serve para vigiar**



*e tomar conta da favela.* A função do falcão é vigiar e tomar conta da favela. Esta função exclui qualquer outra atividade que o menor envolvido com o tráfico de droga possa exercer como estudar, brincar, namorar, pois de um lugar fora do tráfico, o falcão não é o jovem que estuda, falcão não é o jovem que brinca, falcão não é o jovem que namora. Essas significações são apagadas, desconhece-as.

O funcionamento do *que* é chamado de relativas finalizadas (MAZIÈRE, 1990). A partir dessa estrutura, explicita-se um processo de instrumentalização do menor traficante. Ele tem uma função no tráfico de drogas ao ser significado como instrumento.

Separando o enunciado em duas orações podemos explicitar duas posições discursivas:

### ***Falcão é o jovem***

Neste caso, além da configuração de um pré-construído, notamos que *jovem* remete a uma memória discursiva marcada pelo discurso policial. Defini-se falcão a partir de uma discursividade da polícia, pois *é o jovem* é um dizer da polícia. Ao dizer *é o jovem* apaga-se, por exemplo, o sentido de criança. Portanto, a posição-sujeito que nomeia o faz do lugar do de fora do tráfico. Por outro lado, na segunda oração:

### ***vigia e toma conta da favela***

explicitamos uma outra posição desta vez decorrente também de um outro lugar, que suspeitamos estar entre o de fora e o de dentro, pois se fosse um dizer policial, vigiar e tomar conta seriam substituídos por traficar, roubar, matar... Essa oração vem como acréscimo de uma posição de fora. Com isso observamos, se retomarmos as concepções de Mazière (1990) a instrumentalização de quem vigia e toma conta da favela. Vigiar e tomar conta da favela significa proteger o morro, ou o tráfico? Parece-nos que esse primeiro sentido só seria possível se houvesse a equivalência entre morro/favela/tráfico. Em funcionamento um estereótipo?

O sujeito é designado, no lugar do tráfico, a partir de sua função. Interessa sua utilidade para a “firma”. Explicita-se a posição-sujeito do envolvido com o tráfico, daquele que (se) reconhece a sua função.

O funcionamento de (2) *Falcão? Para mim significa aquele que tá no tráfico noturno. Não dorme, parece um passarinho que não dorme à noite* é diferente. O enunciador enuncia do lugar da favela. Vemos aí um outro modo de significar falcão. Em (2) o enunciador E2 responde, em uma relação



dialogal com E1, o que é falcão para ele. Em sua resposta explicita-se que falcão pode não ser jovem como no caso (1), pois há a presença de um pronome indefinido *aquela* (criança, pequeno, menor de idade, infantil, frágil), que também se inscreve como um elemento de distanciamento. O enunciador é um falcão, mas se distancia desta designação ao falar em terceira pessoa e usar este pronome. O *que* abre novamente para a finalidade *estar no tráfico* caracterizado como *noturno*. Porém, antes disso, há a presença de uma particularização, o sentido de falcão é definido para um *para mim*, quer dizer, pode não ser esse o significado. Há uma interpretação pessoal marcada ainda pelo acréscimo da metáfora *Não dorme, parece um passarinho que não dorme à noite*, que fortalece a particularização. Falcão é um pássaro conhecido por sua agilidade, sua visão. No entanto, nesta metáfora, este sentido é deslocado em relação ao enunciado anterior, porque falcão é descrito com afetividade, com fragilidade ao ser nomeado pelo diminutivo *passarinho*. Mesmo com esse deslocamento, com essa particularização, há a alusão ao que acontece com ele, *não dorme à noite*, ou seja, porque está no tráfico noturno. Em relação ao primeiro enunciado este segundo se destaca por possuir uma única posição discursiva. E ainda, por não instrumentalizar o falcão. Este *tá* no tráfico, não é instrumento, é descrito com afetividade pela posição-sujeito ocupada pelo envolvido com o tráfico.

O E1 explica o que é vapor, em (3) *Vapor, geralmente são menores de idade que vendem a droga no varejo*. Novamente o enunciado organiza-se a partir do nome *Vapor* seguido de uma predicação, neste caso, *menores de idade*. Seqüencialmente, isola-se através do *que* a função do vapor – *vendem droga no varejo*. Ocorre um processo semelhante ao primeiro enunciado analisado. A qualificação de vapor como *menores de idade* também remete ao discurso policial. E novamente, a relativa finalizada introduz a utilidade de Vapor, o instrumentaliza. Ele é instrumento para a venda. Neste caso, esses efeitos de dicionarização e instrumentalização remetem à posição-sujeito ligada à polícia, ao que reprime a venda de droga no varejo.

Contenção ou fogueteiro é descrito, também, em (4) *Contenção também conhecido como fogueteiro é o jovem que avisa da chegada da polícia ou de possíveis inimigos também*, como *jovem*, cuja prática destaca-se introduzida pela relativa, *que avisa da chegada da polícia ou de possíveis inimigos também*. Notamos que as discursividades que remetem aos dizeres do tráfico e da polícia se esbarram novamente ao se definir contenção. A discursividade do tráfico se identifica com a designação contenção, aquele que contém o inimigo. Por outro lado, o dizer *também conhecido como fogueteiro é o jovem*, remonta ao sentido reconhecido pela polícia, o jovem que solta fogos de artifício para avisar da chegada dela. A categoria polícia, para esta posição-sujeito, não é considerada um inimigo, pois *polícia* e *possíveis inimigos* aparecem como categorias distintas. Como no enunciado (1



e 3), a categoria do outro é discursivizada, neste discurso, isto é, ao se falar da vida dos falcões não só os dizeres, os sentidos dos ligados ao tráfico são explicitados, a parte contrária, a força repressora também os constitui. As designações, nestes enunciados, explicitam através dessas definições um discurso marcado por duas posições discursivas antagônicas: a da polícia – poder jurídico, repressão – e a dos envolvidos com o tráfico de drogas – traficantes, falcões.

Em (5) *X-9 é tipo um cara que vai na polícia e denuncia nós*, X-9 é predicado como *tipo um cara*, ou seja, alguém que não é sequer um cara. Há – se é que podemos chamar assim – uma indefinição definida, pois não se sabe de quem se fala, ele é indefinido, porém, sabe-se que este alguém não é considerado *um cara* (amigo, parceiro, companheiro). Sua prática é marcada, isto é, não interessa quem seja ele, jovem ou não, importa a sua prática, sua função, *que vai na polícia e denuncia nós*, a delação. Pode-se dizer que o delator é repugnado pelos envolvidos no tráfico, mas ainda assim, tem sua finalidade, também é instrumento, o que *denuncia nós*. Aparece, neste caso, uma divisória que coloca de um lado os falcões (nós) e o X-9, ou seja, traficante e delator. Novamente, a posição discursiva que enuncia é do morro, do que conhece a vida do tráfico, “sua lei”.

Ao se definir o que é carga: *Pô, carga é os “pô” da boca que movimenta a firma. Movimenta a firma, faz dinheiro pra firma*, a mesma estrutura aparece. O nome *carga* é definido como *é os “pô” da boca* seguida pela relativa finalizada que introduz a função da carga, ela é *que movimenta a firma*. A expressão “Pô” no início do enunciado já marca um lugar de subjetividade. E, novamente, o “verbete” explicita a posição-sujeito ligada ao tráfico.

Notamos em todo o recorte que a organização textual é muito próxima de um verbete de dicionário. Os gestos de nomeação que encabeçam a predicação estão posicionados no início do texto, separando-se da descrição, que vem em seguida introduzida pela relativa. Percebe-se que a formulação introdutória é marcada pelo discurso narrativo-descritivo nos casos (1, 3, 4). Essa seqüência é dominada pelo tempo presente e pela terceira pessoa do singular, marcas da descrição. Já em (2,5,6) o discurso é dialogal-descritivo, no qual o enunciador é o próprio falcão que ao dialogar com seu interlocutor define os envolvidos no tráfico de drogas. Descrição e testemunho alternam-se. As designações vão estabilizando os pré-construídos, que por sua vez, provocam o efeito de universalidade no modo de significação.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

##### Um Espaço que Designa e Constitui Sujeitos



Nos enunciados selecionados – eixo da formulação, intradiscurso – pudemos observar, através do funcionamento em destaque, que *Falcão* aparece como instrumento, tem sempre uma função, assim como *Vapor*, *Contenção* e *X-9*. Apenas carga é denominada como produto, *pó* se caracteriza como produto responsável pela movimentação da *firma*, mesmo assim, não deixa de ter uma função. A estrutura consiste no efeito de pré-construído, por evidência, que reduz a significação às funções e esgota o processo de identificação.

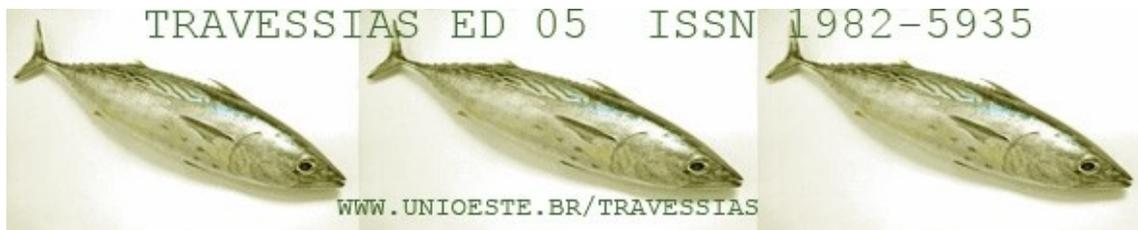
Em contrapartida o que se explicita no interdiscurso, no eixo da constituição, lugar de propriedades discursivas são as designações e seu efeito de dicionarização. Ambos marcados pelo cruzamento de duas posições-sujeito: a de fora e a de dentro do tráfico.

Para Auroux (1992) a gramatização consiste em produzir uma língua para quem já sabe a língua. No documentário notamos o inverso. A partir de um efeito de *dicionarização*, um saber metalingüístico é enunciado para quem não o conhece (efeito-leitor). Nossa hipótese é de que esse efeito se dê por conta da circulação relacionando-a com as condições sócio-histórica e ideológica. A resignificação de certas palavras é determinada por essas condições. O documentário apresenta o espaço da favela, do tráfico e com esses a linguagem. *Falcão* divulga um conhecimento que vem de um outro lugar. E ainda, o dicionário – enquanto instituição de saber (OLIVEIRA, 2004) e artefato tecnológico (AUROUX, *idem*) – sustenta o fato de que o documentário se inscreve no imaginário de que o espectador “precisa” desses “verbetes” para “interpretar” o filme, além de marcar, a partir da legitimidade da escrita, um lugar para esse outro conhecimento, o que justificaria a legenda?

De acordo com Nunes (2006: p.11):

O dicionário é visto geralmente como um objeto de consulta, que apresenta os significados das palavras com a certitude do saber de um especialista e eventualmente com a legitimidade de autores reconhecidos que abonam as definições. Ele se mostra, desse modo, como uma obra de referência, à disposição dos leitores nos momentos de dúvida e de desejo de saber. Trata-se de um dos lugares que sustentam as evidências dos sentidos, funcionando como um instrumento de estabilização dos discursos.

No caso deste funcionamento, percebemos que os significados são deslocados, resignificados, produzindo um certo tipo de conhecimento, aquele que permeia o espaço da favela. É o modo de produzir sentidos, de significar, que está ligado à produção de



conhecimento. Com efeito, há um jogo de desestabilização/estabilização de sentidos, pois, se por um lado, as palavras são resignificadas; por outro, esse processo também estabiliza esses outros sentidos.

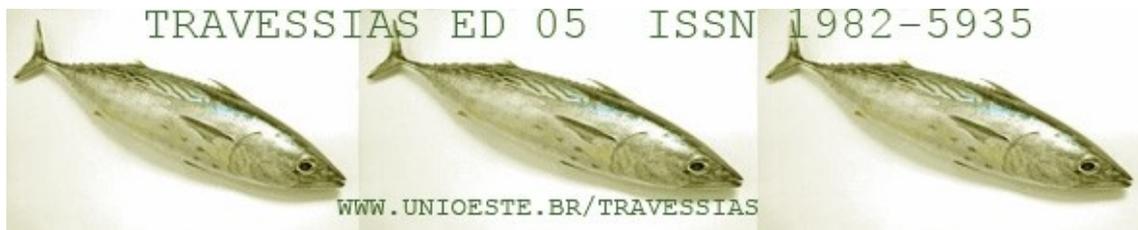
As designações Falcão, Vapor, X9, carga e contenção são significadas em relação ao espaço em que circulam: morro, favela e tráfico – territórios de pertencimento (ORLANDI, 2004). Nesse sentido, a escrita do documentário instaura uma técnica de escritura, se configura como uma tecnologia de linguagem.

É importante, ainda, ressaltar que a diferença de sentido entre os dicionários e o vocabulário de *Falcão* deriva de posições-sujeito também distintas, decorrentes de condições de produção diferentes. Em *Falcão – Meninos do Tráfico*, as palavras são redefinidas a partir da relação social e não lexicograficamente.

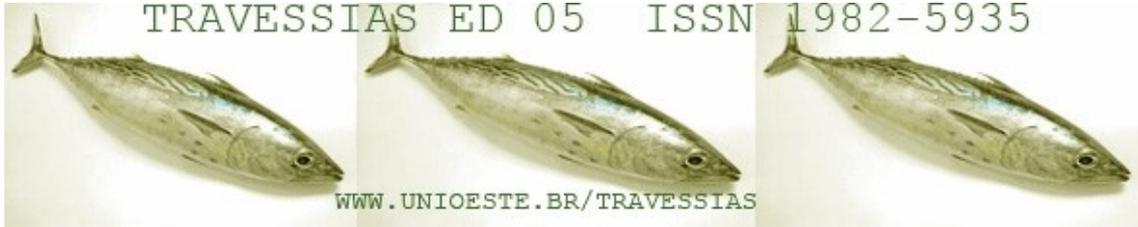
“Falar é uma prática política” (ORLANDI, 1998: p.09) e, com efeito, inquieta-nos ainda mais pensar sobre o modo como o indivíduo que fala, define, exemplifica: *inferno é onde nós “tamos”, onde nós vive, onde a bala come e a lei é do cão*, é subjetivado na sociedade contemporânea, sociedade (dita) de conhecimento, em que o espaço designa e constitui sujeitos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AUROUX, S. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours**. In: DRLAV, 1982, 26, p.91-151.
- BRUM, E. & LIMA, M. S. O voo do falcão. In: *Época*, nº 411, p. 86-91, 3 de abril de 2006.
- CANGUILHEM, C. **Le cerveau et la Pensée**. MURS, Paris, 1976.
- COSTA, G. C. **Linguagens em Funcionamento: Sujeito e Criminalidade**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- COURTINE, J.-J. **O Conceito de Formação Discursiva**. In: *Languages*, nº 62. Paris: Didier-Larousse, 1982. Tradução inédita de Sírio Possenti.
- FOUCAULT, M. **Tecnologias Del Yo**. 2ª reimpressão. Trad. Mercedes Allendesalazar. 1995.



- GADET, F. & PÊCHEUX, M. **A Língua Inatingível**. Trad. Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- HENRY, P. **A Ferramenta Imperfeita: língua, sujeito e discurso**. Trad. Maria Fausta P. de Castro. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.
- INDURSKY, F. **De ocupação a invasão: efeitos de sentido no discurso do/sobre o MST**. In: INDURSKY, F. e FERREIRA, M. C. L. (orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999. p. 173-186.
- LUFT, L. **Os meninos do tráfico**. In: Veja. p. 22, 5 de abril de 2006.
- MARANDIN, J. -M. **Sintaxe, Discurso: do ponto de vista da análise do discurso**. In: ORLANDI, E. (org.) [et al.]. **Gestos de Leitura: da história no discurso**. Tradução: Bethânia S. C. Mariani [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994. p.119-162.
- MAZIÈRE, F [et al.]. **La définition**. Paris: Larousse, 1990.
- NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil: análise e história**. Campinas, SP: Pontes, Fapesp e Faperp, 2006.
- OLIVEIRA, Sheila Elias de. **Cidadania: história e política de uma palavra**. Campinas, SP: [s.n.], 2004. Tese de doutorado.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.
- ORLANDI, E. P. **Ética e Política Lingüística**. In: *Língua e Instrumentos Lingüísticos*. nº 1, 1998. p. 7-16.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- ORLANDI, E. P. **Cidade dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- PÊCHEUX, M. (1969) **Análise Automática do Discurso (AAD-69)**. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethânia S. Mariani [et al.] – 3ª ed – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- PÊCHEUX, M. **Analyse du Discours: Langue et Idéologies**. In: PÊCHEUX, M.; FUCHS, C.; GRÉSILLON, A.; HENRY, P. (orgs.). *Languages* 37. Paris: Larousse, 1975b.
- ZOPPI-FONTANA, M. G. **É o nome que faz a fronteira**. In: INDURSKY, F. e FERREIRA, M. C. L. (orgs.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999. p. 202-215.



**6. FILMOGRAFIA:**

Falcão – Meninos do Tráfico. Direção: MV Bill e Celso Athayde. Brasil, 2006, 57 min.